

Episódio 23

VidaNerd.com

<http://www.vidanerd.com/podcast/2009/08/17/podcast-vidanerd-com-episodio-23/>

17 de agosto de 2009

China: Aqui é o China!

⇒ *A música, a introdução padrão do VidaNerd.com vai para background.*

Prof. André: Aqui é o André!

Harry: Aqui é o Harry!

Zeh: Aqui é o Zeh!

Rafael: Aqui é o Rafael!

China: Hoje a gente vai falar sobre carreira científica. Trouxemos aqui 2 convidados especiais: o Zeh, que acabou de se graduar em Ciência da Computação, não é isso?

Zeh: Isso mesmo!

China: E o André, que é estudante de Filosofia, não é?

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: É... Entre outras coisas.

⇒ *Todos continuam rindo, em especial China e Harry.*

China: O André é professor do Departamento de Informática da Universidade Federal do Paraná, que agora também está fazendo Filosofia. Virou aluno de novo. Fala um pouquinho da sua formação, então.

Prof. André: Eu sou formado em Bacharelado em Informática pela UFRJ, mestre e doutor em Engenharia de Computação pela UFRJ.

China: Seguindo carreira científica também, né?

Prof. André: Sim, pesquisador da Universidade Federal do Paraná, professor e atualmente orientador de alguns alunos do Mestrado, aluno de graduação em Filosofia.

⇒ *Alguns dão umas risadas discretas.*

China: Vamos falar dessa carreira que é pouco divulgada no Brasil. Pouca gente fala, mas também é de extrema importância. Mas primeiro vamos pra parte aqui dos *e-mails*.

⇒ *Toca o leitmotif dos e-mails, algo como um barulho de robôs de filmes futuristas.*

China: A gente recebeu um e-mail aqui do Guilherme Baldi, do NerdDrops.com.br.

Rafael: Primeiro a gente queria aqui parabenizar pelo *cast*, que é bem engraçado. E um *cast nerd* com uma menina já é um passo acima na “evolução *nerdiana*”.

⇒ *Todos riem. Rafael lê.*

Rafael: Vou aos pontos: Nas séries “As Visões de Raven” e “Cory na Casa Branca”, assim como as outras séries em que as protagonistas são negras e os brancos sempre são bobões, “engraçaralhos” e tal, e o presidente de série é abobado e “embestelhado”. . . . *Anyway*, ele falando lá e daí ele comenta também de outras séries que, tipo, sempre comenta, sempre fala, que, em séries de negros, os brancos são bobões e daí ele até cita “Eu, a Patroa e as Crianças” e “Um Maluco no Pedaco”, que é o “The Fresh Prince of Bel-Air”. Aí ele fala dos “Power Rangers”, que são uma cópia do, não são uma cópia, mas uma adaptação do “Go Go V”. . .

China: . . . que eu não conheço. Acho que não veio pro Brasil esse daí, né?

Rafael: Não faço a mínima ideia.

⇒ *Alguns sussurram no fundo.*

Harry: Eu acho que “Go Go V” é meio que um termo genérico pra esses episódios que tem essas semelhanças: que tem robôs gigantes, que tem um grupo de heróis que luta contra um monstro que aparece do espaço. Daí o monstro morre; o monstro fica gigante; os heróis chamam um robô gigante e daí tem uma luta do monstro gigante com o robô gigante. Eu tenho a impressão que esse é um nome meio genérico que dá pra esse tipo de séries assim, que tem várias.

Rafael: É, no caso, ele fala que é uma adaptação dessa uma. Não sei.

⇒ *Alguns sussurram de novo, esquecendo-se que estão num podcast.*

Harry: Posso tá falando bobagem!

⇒ *Todos riem, Rafael em especial. Claro! Ele é quem está com o microfone no momento.*

Rafael: Não sei. Ele até explica que até a temporada que ele viu lá, tipo, tinha um “V” escrito no uniforme deles. “V” no lugar de “5”, por causa do “Go Go V”.

China: E o cara é fã do Harry, cara.

Rafael: E o cara é fã do Harry.

⇒ *Rafael lê as palavras de Guilherme Baldi.*

Rafael: ‘Harry, mano, você precisa dublar alguma coisa. Sua voz é muito doida. . . .’

⇒ *Todos riem.*

Rafael: ‘Já tá no meu [iTunes](https://www.apple.com/itunes/). Um abraço!’.

China: Harry, vai ter dublagem, cara?

Harry: Olha! Várias vezes quando um convidado não pôde aparecer, eu já me ofereci para dublar ele. Normalmente não aceitam, mas. . .

Rafael: Na verdade, não terminou o *e-mail*: “Agora tem outra coisa que vou citar, mas por favor, não leiam isso no ar!”.

⇒ *Todos riem, dessa vez, China em especial.*

China: Claro! Claro! Próximo *e-mail*: o *e-mail* que a gente recebeu do Núbio, do Qual Botão que Pula?.

⇒ *China lê — as palavras do Núbio, obviamente.*

China: Ele: ‘Fala, galera do VidaNerd. Poxa, fiquei contente de ouvir o nome do meu *blog* no *podcast* de vocês, e os elogios também. . . foi bem legal! Bom, o *blog* passou por mudanças de visuais. Podem ir lá dar uma conferida e comentarem, que ficou muito bom.’

⇒ *China comenta o comentário do Núbio, que, a propósito, não é filho do Strauss — piada infame deste transcritor.*

China: Que convencido, né? “Ficou muito bom”. Deixa a gente falar se ficou bom.

⇒ *Rafael ri, seguido dos outros.*

Rafael: Eu não vi ainda o novo *layout*, mas depois vou ver.

China: Não, brincadeira! Brincadeira! Esse aí é um que vale a pena assinar, o Qual Botão que Pula?. A pergunta do ouvinte fã: “Algum dia vocês pensaram em ter a participação de ouvintes no *podcast* de vocês? Gostaria muito. Fica aqui a sugestão.” Então, a gente pode até ter participação de mais gente, e tudo, só que a gente não grava a distância: a gente só grava presencial. Tanto que as nossas tentativas de Skype, né, cara?

Rafael: Nossa! Escute os primeiros episódios que você vai ver como que funcionou.

⇒ *Rafael e mais alguns riem, incluindo este transcritor.*

China: Não dá certo. Ainda mais que foi em 3. . . 4 conexões juntas. Ai! Isso daí vira um lixo.

⇒ *China pronunciou esse “Ai!” em tom de pesado lamento.*

China: Então, a gente só grava presencial e o Núbio tá escrevendo de Uberlândia, Minas Gerais. Então, não daria certo. Mas, quem sabe, se um dia você vier pra Curitiba, a gente pode gravar. E, nada impede também de você mandar o comentário em áudio, que, agora que o Carlos Moura conseguiu e me mandou, mande comentários em áudio. . .

⇒ *Pequeníssima pausa para risada silenciosa.*

China: . . . pra gente ver.

⇒ *Este transcritor adora sinestésias.*

Rafael: Eu falava isso desde o primeiro e você achava que nunca iam mandar.

China: Primeiro era ano passado e a banda larga no Brasil não tava essas coisas no ano passado. Agora, com a GVTPower tá bem melhor, né?

⇒ *Todos riem com entusiasmo.*

Harry: Ei! Eles não tão pagando nada pra gente! Nada de propaganda de graça!

Zeh: Quem disse que eles tão pagando?

⇒ *Todos riem novamente.*

Harry: Ei! Eu não fui avisado! Eu quero um pouco da grana, então!

China: Então, pode ler aqui o próximo comentário, do Wallison Narciso, do Nanquim².

Harry: Hã. . .

⇒ *Harry lê, em seu estilo todo peculiar.*

Harry: ‘Aí, galera, marcando presença aqui novamente. Vamos lá! “24 Horas” já mostrou uma presidente. Ah! E, outra: há quem diga que o Barack Obama só ganhou por causa do David Palmer. Sobre a “E.R.”: Cara, acho essa série um lixo! Eu já passei 24 horas em pronto-socorro; na verdade, na emergência, vendo a coisa pegar fogo. Caras, é “Resident Evil” puro, muito louco.’

⇒ *China ri, acompanhado.*

Harry: ““Prison Break” é muito bom, sem comentários, e “Heroes” vai melhorar, tenho fé.’

China: Não, esse cara tem que ter muita fé pra dizer que “Heroes” vai melhorar um dia.

Harry: ‘Agora, fiquei com uma dúvida: como é que vocês não citaram grandes clássicos globais, como “Força Tarefa”, “Hoje é Dia de Maria” e tantas outras merdas nacionais?’

⇒ *China fala com muita ênfase:*

China: Porque a gente não conhece.

⇒ *Todos riem.*

China: Só por isso.

⇒ *China soluça uma risada e continua falando:* A gente não assiste esse tipo de coisa. A gente citou o que a gente acha ruim, mas o que a gente já viu um dia, né? Pré-requisito. O Maurício Nero mandou outro dizendo: ‘Óbvio, concordo com o China. . .’. Claro que concorda; todos concordam sempre.

⇒ *Todos riem.*

China: ‘. . . “The O.C.” é muito ruim. “The O.C.” é coisa pra meninos “emuxinhos”, né? O roteirista simplesmente não consegue criar um roteiro que não seja totalmente linear e pobre. Os personagens sempre esperam o outro acabar a fala pra começar a sua. Afinal, pessoas reais nunca se interrompem. . .’.

⇒ *Rafael ri, acompanhado.*

⇒ *China continua a ler.*

China: ‘. . . E, Rafael, que tal um “Top10” de aberturas de séries?’ Tô fora! O cara gosta de séries só por causa da música de abertura.

Rafael: Não, eu realmente adoro aberturas de séries. Dá, dá pra gente fazer sim o “Top10”.

Prof. André: Bom mesmo é a introdução do Hawaii5-0. Só que é muito velho e vocês não conhecem.

⇒ *Essa última fala do Prof. André foi muito ininteligível. Em homenagem ao professor, de qualquer forma, os podcasters tocam a música da introdução da série mencionada. Enquanto outras pessoas sussurram, China comenta a trilha sonora.*

China: Não ouvi falar. Hawaii5-0?

⇒ *André cantarola a melodia, enquanto outros riem.*

China: Não conheço. Não conheço. Década de 70? Continuando aqui... Ele: 'Só uma coisa: várias séries mencionadas são inteiramente infantis. *We are not supposed to like it, o.k.?* E, "Heroes": eu realmente concordo que deveria estar nesse "Top Séries Ruins", na verdade, a pior série em questão de roteirista com problemas mentais.'

⇒ *Rafael ri, acompanhado.*

China: Não, o que vocês acham de um com roteirista chega e fala: Desculpe, a gente tá totalmente perdido na série!

⇒ *Todos riem.*

China: Próximo!

Rafael: 'Falar mal de "Freakazoid" não dá!'

China: Maurício Sarti.

Rafael: Ah, sim! Eu sempre esqueço de falar os nomes.

⇒ *Rafael continua lendo as palavras que agora se sabem ser de Maurício Sarti.*

Rafael: "Eu adorava esse desenho. Era muito doido. Pena que tem poucos episódios."

China: Falei pra não falar mal de "Freakazoid" aqui que isso não ia dar certo? Olha aí!

Prof. André: "Freakazoid" era bacana, cara.

Harry: Puxa! Eu acho que descobri que só eu não gostava daquilo.

⇒ *Ao fundo, China dá uma gargalhada.*

Rafael: É... Eu não assisti muitos episódios.

⇒ *Continua lendo:*

Rafael: 'Gostei desse programa, mas, por culpa da minha idade mais avançada que a de vocês, tenho uma lista de "piores" em série um pouco diferente. Fala sério! Vocês adoravam "Power Rangers". Eu já vi isso acontecer com "emos" sobrinhos e com meu filho...'

China: Não, não diz "emos sobrinhos". É "meus sobrinhos". Só que ele errou a ordem.

Rafael: Ali tá escrito: "emus sobrinhos".

⇒ *Todos riem. Rafael continua a leitura.*

Rafael: “. . . e meu filho está em vias de acontecer. . . ”

⇒ *Este transcritor cumprimenta e parabeniza qualquer um que usar a antiga expressão “em vias de” e continua a transcrição da fala do Rafael, a qual, a propósito, não sofreu, no áudio, interrupções neste momento.*

Rafael: ‘. . . Primeiro, adoram. Depois, curtem um pouco só e não compram brinquedos dos “Power Rangers”. Aí, crescem mais um pouco e falam mal dos coitados dos heróis. Um abraço!’

China: Olha aí! Já foram heróis. Todo mundo aqui que tem até a nossa idade — eu acho que o limite, aliás, é a nossa idade, né? — já gritaram uma hora: “É hora de morfar!”.

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Eu já gritei isso na vida.

⇒ *Todos riem mais um pouco.*

China: O Calos Moura, que sugeriu aqui o tema do episódio, tá mandando: ‘Estou ouvindo este *cast* agora. Está muito bom! Quería que o Rafael esclarecesse por que ele não gosta de programar em PHP.’

⇒ *China olha para o Rafael.*

China: Esclarece!

⇒ *Rafael responde, acompanhado de murmuros tímidos dos colegas.*

Rafael: Pô, eu tinha até esquecido desse comentário!

Zeh: Peraí! PHP é linguagem de programação? Desde onde?

⇒ *Zeh da uma risada monossilábica, enquanto Rafael, sério, argumenta exclamando.*

Rafael: PHP é de programação!

⇒ *Os leitores notaram o uso do ponto de exclamação na fala anterior?*

⇒ *Os leitores notaram o uso do ponto de interrogação no comentário anterior do transcritor?*

⇒ *Aconselha-se o transcritor a parar com isso para que não seja posto em seu contrato um ponto final.*

Prof. André: Polêmico, hem? Polêmico, hem?

⇒ *A propósito, a polêmica identificada pelo Prof. André foi acerca das linguagens de programação, não acerca da demissão deste transcritor-comentarista.*

Zeh: Pra mim, linguagem de programação é máquina de Turing, essas coisas. . .

⇒ *Todos riem.*

Harry: É completo, então, é programação.

Rafael: É! Não, não é questão. . . Minha questão é mais que nem a questão do China de não gostar do “Guitar Hero”.

⇒ *China ri.*

Rafael: Tipo, PHP tem uns programadores muito ruins de PHP.

⇒ *China dá uma outra gargalhada, ainda mais escandalosa, acompanhado.*

Rafael: E aí acaba, tipo...

Zeh: Peraí! Tem uns? Tem uns?

⇒ *Zeh ri.*

Rafael: A maioria! A maioria!

⇒ *Este transcritor lamenta o preconceito dos podcasters e consola os programadores de PHP pela generalização.*

Prof. André: Mas você não vai gostar da linguagem porque tem gente que programa mal nela?

⇒ *Este transcritor parabeniza o Prof. André pelo brilhante argumento.*

Rafael: O China não gosta de “Guitar Hero” porque tem gente que acha que “Guitar Hero” é igual a guitarra de verdade.

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Isso não é motivo, cara! Pô!

China: Mas a linguagem não é lá muito bonita também.

⇒ *Neste momento, várias pessoas começam a falar ao mesmo tempo, predominando o discurso do Rafael.*

Rafael: É! Ela não é lá muito bonita e...

Prof. André: C é bonito?

⇒ *Alguns continuam falando muito longe do microfone...*

China: C é bonito! C existe... Existe uma beleza interna no C!

⇒ *Alguns riem.*

Rafael: Não! Pelo menos C não tem o símbolo do dólar no começo das variáveis.

⇒ *Rufão se refere ao carácter “\$”, a saber, comumente chamado de “dólar” por alguns informatas e computeiros adâmicos.*

⇒ *Alguns riem, especialmente China.*

Zeh: Olha! Eu prefiro Lambda Calculus.

⇒ *Alguns continuam rindo, especialmente Harry.*

Prof. André: Ah! Daí pegou pesado, né?

China: Bom, vai virar *podcast* agora sobre linguagem de programação.

⇒ *Todos riem.*

Rafael: E até...

⇒ *Rafael para de falar porque Prof. André está falando, embora este longe do microfone.*

China: Deixa pro próximo episódio.

Rafael: É! Que é até o que ele sugere. . .

⇒ *China se atravessa na fala do Rufão.*

China: É a sugestão aqui do Carlos Moura: 'Bem que vocês poderiam fazer um *cast* discutindo sobre linguagens de programação que vocês gostam e/ou não gostam. O que acha?'

⇒ *China mesmo responde.*

China: Eu acho que ia ficar assim extremamente técnico.

Rafael: É. . .

Prof. André: . . . tipo "Ame ou ame", né? Não dá pra discutir. É que nem discutir futebol.

⇒ *Alguns participantes falam "É. . .".*

Zeh: Guerra de torcida, né? Guerra de torcida em geral costumam ser bem idiotas!

⇒ *Novamente, alguns participantes falam "É. . .".*

China: Eu acho que a única coisa que deveria ser unânime aqui é que Java não devia ser usado. Ponto final. O resto, sim, é discutível até.

⇒ *Rafael ri.*

Prof. André: Java não! Java não!

⇒ *Todos riem.*

Harry: Aê! É. . . Parece que é unanimidade aqui.

⇒ *Todos riem.*

China: Aê! Beleza!

⇒ *Algumas risadas ainda.*

China: Então, bom, fica assim pra uma próxima, quem sabe, um *podcast* sobre isso, né? Próximo, por favor!

Rafael: Ah, é! Do Guizaum, do *Nerdrops.com.br*.

⇒ *Nota do transcritor: o endereço é <http://www.nerdrops.com>.*

Rafael: 'Meu, muito bom o *cast*. Altas séries boas. Senti falta apenas de "True Blood". Realmente, tipo, eu não conhecia a série quando a gente gravou. Agora eu comecei a assistir e tô viciado nessa série. Muito legal!

China: Na verdade faltou um monte de séries legais que a gente não pôde falar; mas, como são 5 cada um, né?

Rafael: Isso!

⇒ *Rafael continua lendo.*

Rafael: 'Avisa o JT que o Central Perk virou uma cafeteria de verdade. É só rezar pra vir pro Brasil. Harry, sou seu fã, meu!'

⇒ *Todos riem, obviamente.*

China: Olha só! O Harry tá cheio de fãs, cara!

⇒ *Harry ri.*

China: Aqui: o comentário. . .

⇒ *Rafael se atravessa na vez do China.*

Rafael: Agora, comentário de “IT Crowd”. . . um monte!

China: Um monte! Comentário do Lucas:

Harry: ‘Olá, *nerds*, *nerd* unidos! Poxa! Uma série que acho que valeria a pena ser vista: “The IT Crowd” — uma equipe de T.I., composta de 2 *nerds*, que recebem a sua nova gerente, que não sabe nada de T.I. “Anos Incríveis”, “The Wonder Years”. . .’

⇒ *Harry comenta.*

Harry: Não conheço a série.

⇒ *Vários começam a falar.*

China: Ah! Quem aqui não conhece “The IT Crowd”, né?

Prof. André: Sério, bacana. Tem umas tiradas muito interessantes. Acho que é meio velho, né? Meio um “ar” antigo. . .

China: Um pouco antigo, já. Acho que, daqui, quem já viu “The IT Crowd”?

Rafael: Eu vi a 1ª temporada e comecei a ver a 2ª. Depois que o cara pulou da janela lá, eu desisti.

⇒ *Rafael ri, acompanhado. China grita:*

China: *Spoiler! Spoiler!* Aqui de novo Carlos Moura falando: ‘Pô! “The IT Crowd” rula mesmo. Acabei de baixar a 1ª, 2ª e 3ª temporadas pra reassistir a 1ª e ver as outras duas.’

⇒ *China comenta.*

China: Olha só! O cara, é, falando aqui sobre pirataria. . . usando o nosso *podcast* pra falar sobre pirataria, né?

Rafael: É. . .

China: Que feio!

Rafael: Ninguém aqui baixa da Internet, tá!

China: Não! Tem que comprar os *boxes*, né?

Rafael: E aqui, bom, a Alinelfa colocou uma coisa que não precisa ler também, né? Deixa pra lá!

⇒ *Todos riem. Rafael discorda, acompanhado.*

Rafael: Não! Não! Não! Tem que ler sim!

⇒ *Rafael lê.*

Rafael: ‘Olha lá no meu *blog*. . .’

⇒ *Rafael comenta.*

Rafael: Aquela uma lá que colocou aquele *blog* falando que o *blog* dela era emo. . .

⇒ *Rafael ri, acompanhado.*

Rafael: Ela colocou a foto do China vestido de “Neo”.

China: Pois é! Sabe como é que é. Sem aulas na faculdade, a gente começou a brincar aqui.

⇒ *Todos riem.*

China: Não! Nem precisa clicar no *link*, tá? Clique. . . Deixa pra lá!

⇒ *China ri.*

Rafael: Não, não! Eu vou colocar o *link* com mais destaque. Vai tá no *shownotes*. Mesmo que o China não coloque eu vou editar e vou colocar.

⇒ *China ri, acompanhado.*

China: Ai! Deixe pra lá aqui! Pra finalizar rapidinho. . .

⇒ *Zeh se atravessa, enquanto este transcritor lamenta o uso da expressão infeliz “atravessar-se”.*

Zeh: Peraí! O China não era o “Coração Gelado” do “*Ghostrider*”? Ah, não! “Coração Gelado” era do “Ursinhos Carinhos”, né?

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Aliás, falaram de “Ursinhos Carinhos” no episódio sobre séries, ou não?

China: Pior que falamos.

⇒ *Todos riem, especialmente China.*

Harry: Eu não. . . Falamos? Eu não tô lembrado!

China: Você falou!

Harry: Eu?

⇒ *Todos riem, especialmente China, novamente, se bem que, desta vez, Rafael também caberia bem no “especialmente”.*

Rafael: Eu não lembro também.

China: Eu lembro que eu editei alguma coisa assim e ele tava falando de “Ursinhos Carinhos”.

Prof. André: E de “Ursinhos Gummy”?

China: Não. De “Ursinhos Gummy” não. Esse é mais antigo.

⇒ *Prof. André torna a falar alguma coisa fora do microfone.*

China: Fez falta o “Ursinhos Gummy”, hem?

⇒ *China muda o assunto.*

China: Comentário do Mateus: ‘Muito legal o *cast*, só faltou mencionarem. . .’

⇒ *China e Rafael em coro:*

China, Rafael “IT Crowd”.

China: É! Beleza! E, pra finalizar aqui, o comentário do Rafael. . .

Rafael: ... que não sou eu. . .

China: ... que, quem vai ler é o Rafael.

Rafael: É o Rafael do E-balaio.com. . .

⇒ *Embora o nome do blog seja “E-balaio”, o endereço é <http://www.ebalaio.com>, sem hífen.*

Rafael: ... Não conheço.

China: É um balaio virtual, né?

Rafael: Sei lá!

⇒ *Rafael lê.*

Rafael: ‘Ouvi os 2 episódios hoje. Concordo com quase tudo o que disseram, exceto que eu realmente gosto de “Two And a Half Men”. E, gostava do 1º “C.S.I.”, mas esse enjô rápido. Outra série massa é aquela “E24”...’

⇒ *Rafael comenta.*

Rafael: Não conheço.

China: “E24”? Sei lá!

Rafael: Não conheço.

China: Alguém já ouviu falar?

⇒ *Este transcritor, que também não conhecia a série, faz questão de mencionar que, achando que a grafia fosse “E-24” — como se fosse alguma versão eletrônica de “24 Horas” —, digitou “E-24” no Google e recebeu -21,2817182 como resposta. Deixando Euler de lado, Rafael continua a leitura.*

Rafael: “Abraços. Continuem com o excelente trabalho.”

China: O.k. Então, bom, . . .

Rafael: Tem um comentário ali que eu não entendi.

⇒ *China grita.*

China: Deixa pra lá!

⇒ *Todos riem.*

Harry: Ah! Pode ler!

China: Não, não! É da Pati!

Rafael: Não, não! Na verdade, eu não tenho que ler. Eu tenho que comentar. Agora, a Pati está usando os comentários do VidaNerd como *instant messenger* pra falar com o China.

China: Pois é. Tem amigos meus que usam os comentários aqui pra enviar.

Rafael: O China não tem orkut. Começaram a usar como se fosse *scrap*.

⇒ *China dá uma gargalhada.*

China: Não, mas eu já avisei que, quando uma pessoa escreve aqui, é lido por umas 800 pessoas mais ou menos. Então, mensagem pessoal deixa pra mandar por *e-mail*.

⇒ *China ri, acompanhado.*

Parte 2

China: Então, vamos lá. Como pouca gente conhece esse negócio de “carreira científica”, como é que faz, como é que lida com isso, vou pedir aqui pro André explicar um pouquinho como é esse negócio de “carreira científica”.

Prof. André: Bom, carreira científica. . . A gente pode dar uma simplificada nessa história. Tá associado com desenvolvimento de pesquisas científicas no país. É a formação de pesquisadores, de pessoas que vão trabalhar em centros de pesquisa ou em universidades, procurando evoluir o conhecimento científico da sociedade. Pra se chegar a ser um pesquisador ou um profissional desse que trabalha com Ciência, né, um cientista, evidentemente que é necessário que essa pessoa faça um curso de graduação numa área próxima à área de interesse de trabalhar com a Ciência e que faça pós-graduação. Então, a carreira científica se faz em cima das pós-graduações que se tem no país.

China: É absolutamente necessária a pós-graduação, então, é isso?

Prof. André: Eu não diria que é absolutamente necessário, mas é o caminho natural, né? Existem pesquisadores e cientistas no Brasil que não fizeram pós-graduação, mas esses caras são pessoas diferentes, que, de certa forma, ganharam o título de “notório saber” por alguma coisa, “doutor *honoris causa*” ou coisa parecida, mas normalmente por ter o conhecimento em alguma área mesmo sem ter estudado aquela área. Tem algumas pessoas que estudam por conta própria, aprendem sozinho, e acabam abrindo uma área nova antes de ter um curso naquela área. Por exemplo, isso acontece com. . . acontecia mais frequentemente, agora quase não acontece mais. Então, acho que alguém hoje que quiser fazer uma carreira científica, o caminho natural é fazer um curso de pós-graduação: mestrado e doutorado. Não é uma especialização, né?

China: E é pra onde o Zeh tá caminhando hoje, né? Como é que você vê esse negócio de carreira científica? Como é que você quis entrar?

Zeh: Olha! Eu acho uma coisa assim, realmente, bastante interessante, você abrir mão da sua vontade de ganhar dinheiro e de montar uma empresa, né, e sair assim. . .

China: . . . e virar pastor, virar padre.

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Não! Você sabe que todo pesquisador brasileiro, especificamente, ele tem apenas 3 certezas na vida. Só 3 certezas. A primeira: ele vai morrer, como todo mundo. A segunda: ele vai ganhar pouco, como quase todo mundo. E, a terceira é que ele vai se divertir pra caramba, como quase ninguém.

⇒ *Todos riem.*

Zeh: E que, realmente, é muito interessante você pesquisar aquilo que você gosta, sair atrás de conhecimentos, fazer literatura, dar aula, que faz parte do processo também, né? Afinal de contas, carreira científica, carreira acadêmica, tá vinculado a ensino, pesquisa e extensão, não necessariamente só à pesquisa, né? A gente sempre prega na universidade que essas 3 coisas são indissociáveis, que não tem como fazer pesquisa sem fazer ensino, sem fazer extensão, que são 3 facetas de uma mesma coisa, né? Então, eu acho, assim, realmente muito emocionante. A gente se diverte pra caramba. Tem dias que você não consegue resolver um problema e passa, às vezes, até mais de

um mês tentando resolver o problema, às vezes, até anos, e, aí, quando você resolve, você se sente o cara mais inteligente do mundo, até você encontrar um cara que já resolveu aquilo 60 anos antes de você.

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Aliás, pra mim que sou pesquisador de área teórica, né? Eu faço pesquisa na área de pesquisa em Algoritmos, e é muito provável que eu nunca vá conseguir desenvolver alguma coisa que já não foi desenvolvida por outra pessoa pelo menos 100 anos antes. Ah. . . Bom, o Prof. André acenou negativamente com a cabeça aí, né?

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Não é bem assim, Zeh. Você sempre tem alguma coisa nova pra ser feita. Por exemplo, isso é um dos requisitos de quando você for fazer um doutorado, né? Assim, afinal, ao final do seu doutorado, o que você fez tem que ser inédito. Então, se você não achar, você não vira doutor. Entendeu? E as pessoas viram doutor todo dia. Tem um monte de gente virando doutor por aí.

China: Mas não falaram que todas as coisas que foram inventadas. . . que tinham que ser inventadas, já foram inventadas o quê? Em 1960, era isso?

Rafael: Não, é antes. 1800 e alguma coisa teve um cientista maluco lá que falou que tudo o que tinha que ser inventado já tinha sido inventado.

⇒ *China ri.*

Rafael: 1800. Tudo o que a gente usa foi inventado depois disso.

Zeh: Mas é que, realmente, assim, pesquisa teórica, pesquisa mais matemática, demora muito tempo pra ser feito, e é muito mais difícil você publicar uma coisa inédita. E, se você publicar, o que acontece — de fato, existem doutores matemáticos — é. . . vai ser uma coisa tão específica e que vai exigir tanto de conhecimento de quem for ler aquilo que você não vai nem poder contar pra tua vó que você fez.

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Não é algo do tipo: Vó, inventei a lâmpada. Olha que legal!

⇒ *Todos riem. Muito. E mais muito ainda, para a alegria deste transcritor. Depois, ouve-se uma fala que, ao contrário do que o China prega, não foi gravada presencialmente.*

Beakman: Eu sou o Beakman, e vocês acabam de entrar no “Mundo de Beakman”.

China: Tá! E, daí, pra atrair os cordeirinhos agora: qual que é o lado bom da carreira científica? O que que vocês fariam, assim, pra atrair pessoas? “Venham pra cá!”.

Prof. André: Bom, isso que o Zeh falou que a gente se diverte bastante é um lado importante, né? Quer dizer, a gente ganha pouco, mas se diverte, né? E, aliás, o pouco, considerado com o resto do país, não é tão pouco assim, não é?

Zeh: Não!

Prof. André: Quer dizer, a gente não ganha o que talvez vocês ganhem quando terminarem o curso de graduação. Vocês vão trabalhar no mercado e, coisa e tal, e vocês vão ganhar mais do que a gente. Mas, é... a gente ganha muito mais do que metade da população brasileira, então, a gente não ganha pouco.

China: O que seria, então, o pouco? Não tô pedindo pra vocês falarem o salário de vocês. Tô pedindo pra vocês falarem assim uma média salarial do pesquisador do Brasil.

Prof. André: Ah! Eu acho que tem pesquisadores ganhando perto de 10 mil, quer dizer, uns 8 mil reais, pelo menos, né? Isso é razoável. Quer dizer, alguns ganham menos. Tão mais em início de carreira; mas, é... os que estão mais pro fim da carreira, que são mais estabelecidos, ganham 8 ou mais. Isso não é... Eu não posso dizer que isso é pouco.

China: Isso tá muito bom, não é? A maioria das pessoas do Brasil não ganha isso.

Prof. André: Pois é! Agora, se você levar em consideração a capacidade que essas pessoas, que essas mesmas pessoas, têm de trabalhar e de fazer certas coisas que são úteis para o país, comparativamente, tem gente que tá ganhando muito mais e que tá fazendo muito menos. Então, nesse ponto de vista que a gente acha que ganha menos, pouco. Mas, eu não acho que é tão pouco assim. E, o nosso trabalho é um trabalho bastante distinto dos outros trabalhos, no sentido que a gente não... é... a gente não tem um horário pra entrar e um horário pra sair. Não começa às 8 e termina às 5. O trabalho é quase que 24 horas. Você tá dormindo e você tá pensando no problema. Você tá em casa almoçando, você tá lembrando do que você tem que fazer, no problema que você tem que resolver. Você leva a prova pra corrigir no fim de semana, em casa, né? Mas, ao mesmo tempo, se precisar fazer alguma coisa no meio do dia, a gente tem muita liberdade pra fazer essas coisas. Então, o trabalho é flexível, embora seja intenso, mas é muito flexível.

China: Mas, pelo menos, você tá fazendo o que você gosta, o que você escolheu.

Prof. André: Exatamente. Só faz quem gosta. Se não gosta, vai fazer outra coisa.

China: Eu acho que só tem aqui, do VidaNerd, uma pessoa que ainda tá indecisa se vai seguir carreira... qual carreira que vai seguir, né? Que é o Harry. Harry...

⇒ *Rafael ri.*

Harry: Ah! É que eu sou... Ah! Eu tô bem indeciso, assim, do que que eu vou fazer depois que me formar... o que que eu vou fazer... Eu já pensei, assim, em seguir carreira acadêmica, mas eu não... não sei. É... se... Eu tô... realmente eu tô bem... bastante indeciso. Ou mesmo, se eu não vou pegar e fazer algum outro curso... Não sei. Mudo bastante, assim, o que é... de ideia do que eu vou fazer no futuro.

China: Eu e o Rafael já decidimos que a carreira acadêmica não é bem o nosso forte, né?

Rafael: É... O... A nossa ideia é se formar e ganhar dinheiro.

⇒ *Todos riem.*

China: Não, eu não vou seguir carreira acadêmica mais pelas minhas notas mesmo, né?

⇒ *Rafael e China riem.*

Prof. André: Isso não é o problema, né?

China: Não?

Prof. André: Não, isso não é o problema. Não importa muito as notas que você tira. Importa é sua vontade de fazer as coisas. Eu conheço muita gente que passa com 5 porque não quis fazer muito esforço, porque aquilo achava que não era tão relevante. Mas, nas coisas que ele gosta e se importa, ele tira nota alta. Então, acho que as notas não são a coisa mais importante.

Zeh: E, até pra quando um pesquisador numa universidade vai avaliar seu currículo pra você entrar num mestrado ou coisa assim: ele não vai ligar muito se você reprovou em “Engenharia de Software” quando você quer seguir carreira de pesquisa em Algoritmos, por exemplo, que foi o meu caso, né?

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Não, porque, assim, estudar “Engenharia de Software” era uma coisa muito chata. Eu sentava pra estudar, eu: “Não quero estudar isso aqui. Não dá! Não dá! É muito ruim.”

⇒ *Rafael ri.*

Zeh: Ai, eu reprovei. Detalhe: podia levar cola pra prova. A professora deixava, mas, mesmo assim, eu tinha preguiça de fazer a cola. É... e, também, isso não contou muito depois, quando eu quis entrar no mestrado aqui na Federal. Os professores nem olharam essa reprovação. E, foi tudo bem.

Beakman: E vocês acabam de entrar no “Mundo de Beakman”.

China: O que que é necessário, assim, pra uma pessoa que diz: “Não, eu acho que eu quero ser pesquisador. Acho que eu quero ser um cientista!”. Bom, primeira coisa acho que é ser curioso, né?

Prof. André: Sim, com certeza.

China: Todo cientista tem que ser curioso, mas, e, além disso, além do óbvio, o que que o cara tem que ter, assim, no sangue pra levar?

Prof. André: No sangue... Eu acho que o cara...

Zeh: Hemoglobina!

⇒ *Todos riem, embora o Zeh tenha falado fora do microfone.*

Prof. André: Eu acho que o... eu acho que tem que ter um bom senso de desprendimento, né? Você tem que estar disposto a fazer coisas que não sejam necessariamente só por você. Se você dá muito valor pra certas coisas materiais, você não vai, você não vai ser um bom pesquisador.

China: Ah! Esse desprendimento! Eu entendia um desprendimento da realidade, assim, né...

Prof. André: (Não)⁷.

China: ... abstrair...

Prof. André: Nem toda área científica tem a ver com essa abstração toda que eu e o Zeh temos na área teórica de Computação, não é? Agora, tem áreas mais exatas, mais precisas, mais... ou, mais técnicas, digamos assim, que não tem que usar abstração. Pesquisa em Medicina, por exemplo, se o cara abstrair demais, né, não vai dar certo.

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Então, acho que não é toda área que precisa ter uma capacidade de abstração. Depende da área. Mas, acho que uma das coisas importante é você ter vontade de ajudar os outros, ter vontade de descobrir, de descobrir coisas, e não ter muita preocupação com ficar rico, com ganhar dinheiro. Você não vai ganhar dinheiro!

⇒ *André ri.*

Parte 3

China: Agora, o Zeh vai falar aqui coisas que vão parecer absurdas, extremamente absurdas...

⇒ *André ri, enquanto a música de fundo, que havia introduzido a nova parte, vai para background.*

China: ... mas é a visão de um cientista, né? Vamos... Vamos ver por esse lado!

Zeh: Então, aqui no intervalo, né, eu tava comentando com os meus colegas um pouco do pael da universidade e a relação que ela tem com o mercado de trabalho. Eu tava aqui discutindo um pouco com eles da ideia um pouco errada que as pessoas têm quando vêm pra universidade. Geralmente, um sujeito que termina o seu ensino médio, ele quer ser engenheiro, ele quer ser um advogado, ou, o raio que o parta, e ele procura a universidade com o objetivo de conseguir um diploma. Então, ele procura uma universidade pública porque é a melhor, porque é a que pode dar mais pontos pra ele no currículo...

China: ... e é de graça!

Zeh: E é de graça, óbvio!

⇒ *Zeh, Rafael e talvez mais alguns riem.*

Zeh: E, aí, ele fica um pouco frustrado quando chega na universidade e ele encontra matérias que, assim, não são tão práticas praquilo que ele quer fazer da vida. Talvez, num curso de Direito, ele encontra, sei lá, Antropologia, e ele pensa: "Ó, céus! Ó, vida! Por que estou aqui?", ou coisa do tipo. Mas, assim, eu acho que a questão importante é entender que a universidade, em primeiro lugar, ela tem que ser autônoma. Ela tem que ter um compromisso com a Ciência, com o saber científico, e não um compromisso com o mercado de trabalho, que é uma coisa muito peculiar e específica do nosso sistema capitalista.

China: Explica melhor esse negócio de a universidade ser autônoma.

Zeh: Na verdade é assim: é óbvio que a universidade vá diplomar bons profissionais e pessoas que vão ser importantes pro mercado de trabalho e relevantes pra sociedade. Mas, ela vai fazer isso... isso vai ser uma consequência natural se ela tiver um compromisso bom com a Ciência. O que não pode acontecer é empresas investirem dinheiro na universidade e querer mandar na universidade. Então, a universidade não pode pesquisar aquilo que a universidade quer, aquilo que a própria Ciência tá querendo que a Universidade pesquise; mas, a universidade vai ter que pesquisar aquilo que o mercado quer de imediato. Isso nem é bom pro próprio mercado. Por quê? A maioria das tecnologias que foram de fato relevantes pra sociedade acabou surgindo por acaso de pesquisas mais teóricas. Né, ainda hoje quando eu tava no almoço com o pessoal, sobre a aplicabilidade dos primos de Mersenne em Criptografia. Então, antigamente se pesquisavam os primos de Mersenne com o objetivo apenas de colecionar primos de Mersenne. E, depois, se descobriu que primos muito grandes eram extremamente interessantes para a Criptografia, e, hoje, todo mundo usa criptografia. Todo mundo que tem um PC ou acessa a Internet usa criptografia.

China: Mesmo sem saber que tá usando, né, cara?

⇒ *Alguns riem.*

Rafael: É! É!

China: Porque, daí, o cara fala que: “Não, eu nunca criptografei nada, né?”. Tá! Beleza! Você usa a Internet, você usa criptografia.

Zeh: Aliás, pros ouvintes do VidaNerd: se você usa o seu computador, é... pelo menos 80% do tempo ligado e tem um acesso à Internet pelo menos uma vez por dia, entre no site Mersenne.org, baixem o programa lá, e ajudem o seu... façam o seu computador ajudar a humanidade a encontrar os primos de Mersenne.

⇒ *Rafael, rindo, interrompe.*

Rafael: Que propaganda é essa?

Zeh: É, realmente, o projeto mais audacioso da Internet, onde um sistema distribuído aí, enorme, tá calculando esses primos que são de extrema importância pra nós.

China: A gente coloca o... coloca lá o “linkzinho”.

⇒ *Todos riem.*

Rafael: Dessa *botnet* aí.

China: Dessa *botnet*!

⇒ *Todos riem.*

China: De certa forma, é uma *botnet*, né? Porque, o cara vai usar o seu computador. A única diferença é que é com a sua permissão isso daí, né?

Rafael: Pior ainda, quer dizer.

⇒ *Rafael ri, seguido de acompanhamento.*

China: Pior ainda, e, como Ciência muitas vezes se faz muitas vezes com opinião, gostaria de saber aí a opinião do professor André aqui. O papel da universidade no cientista, né?

Prof. André: Olha! Eu em parte concordo com o que o Zeh disse, mas eu acho que não é tão radical assim. Mas, eu acho que a universidade não pode fazer exatamente o que o mercado quer, como ele disse, o mercado sendo não uma coisa abstrata e esquisita, que tá longe, mas, é... não pode ensinar coisas que estão na moda. Não pode se preocupar com isso também. Então, se tem uma tecnologia que é recente, nova, isso pode ser que seja uma coisa útil pra universidade absorver e passar e colocar nos seus cursos, e pode ser que não seja. Um exemplo da nossa área seria uma linguagem de programação que alguém inventa aí e diz que é maravilhosa, que o mercado começa a usar, e a gente começa a ensinar. Em vez de ensinar as nossas linguagens como Pascal e C, a gente vai ensinar essa linguagem, é... sei lá que linguagem que é essa.

China: Ruby quem sabe, né?

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Não sei.

Rafael: Eu ia falar Java, né, só porque todo mundo odeia Java aqui.

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: É! Vamos, vamos pensar em Java, por exemplo.

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Assim, não é razoável a gente pensar que... não é que seja ruim as pessoas programarem em Java.

China: Ah! É sim!

⇒ *Todos riem. André, em especial, com uma risada malévola.*

Prof. André: Embora eu não goste de Java; mas, cada um faz o que gosta, né? Agora, a universidade se preocupar e somente ensinar Java em detrimento de outras coisas pode ser uma coisa ruim. Então, isso acontece diversas vezes, de os alunos acharem: “Ah, mas eu não vou aprender a usar aquele programa lá?”. Não, não vai! Só se você quiser, leia o manual e aprende. Então, eu acho que, nesse sentido, a universidade tem sim que ficar mais preocupada com as coisas que são mais básicas e duradouras ou, como diz o Zeh, uma preocupação com o futuro, com a Ciência em si, com o conhecimento, e não com uma coisa momentânea, as coisas que estão na moda, aquilo que o mercado diz. Bota lá nos seus anúncios de emprego dizendo que o cara tem que saber isso, isso e aquilo, né? Isso não pode automaticamente passar a estar no currículo das universidades porque o mercado tá querendo aquilo. É, acho que isso não funciona! Então, acho que o papel da universidade é muito maior do que esse. Coisinhas desse tipo: “Ah, eu preciso saber tal ferramenta pra conseguir um emprego decente”... Pô! Faz um curso; lê o manual; aprende por fora. Mas, isso não tem que estar na universidade. Não tem que ser o papel da universidade. A universidade tem que preparar as pessoas, quando elas não vão fazer uma carreira científica, né, ela tem que preparar essas pessoas para conseguirem atuar no mercado de maneira ampla, e de maneira a conseguir absorver novas tecnologias e até criar novas tecnologias estando no mercado. Não simplesmente pra obedecer as regras de uma tecnologia que tá vindo de fora em algum lugar. Ela tem que saber avaliar se aquilo lá é bom ou ruim e tomar as devidas atitudes do mercado pra que o mercado seja alterado pelos profissionais que a universidade forma, e não a universidade ser alterada pelo mercado.

⇒ *Este transcritor aplaude o Prof. André.*

China: Até porque quem costuma fazer muitas ferramentas, quem faz a ferramenta é o pesquisador também, né, o cientista que tem uma necessidade e vai lá e faz a ferramenta que precisa. E, se fosse a formação ao contrário, aqui, isso ia ser meio complicado: a gente ensinar as ferramentas. É melhor ensinar a fazer a ferramenta!

Prof. André: Exatamente isso! Ensinar a usar é fácil, né? É só ler o manual, né?

China: Ler o manual.

Prof. André: E, uma das coisas que a gente gosta de ensinar, pelo menos aqui no nosso curso, é ensinar a ler o manual: Vamos ler o manual! Enfim, né. . .

⇒ *China ri.*

Prof. André: Não é ensinar a ler o manual. É educar os nossos alunos a que ler o manual é uma coisa saudável, não é?

⇒ *China ri novamente.*

Prof. André: E nem sempre o que ele quer saber está mastigado, se é só pedir pro vizinho. Não! Leia o manual! Você vai ter que aprender a ler o manual! E vai ter muito manual pra você ler na vida!

Zeh: Aliás, já que estamos falando em leitura, é, o China no começo desse episódio perguntou o que que ele achava que tinha que estar no sangue de um pesquisador. Gosto pela leitura! É. . . Não dá pro cara querer ser pesquisador, querer ser cientista, e não gostar de ler, pelo amor de Deus.

China: E eu ainda tenho que ler? Ah!

⇒ *Todos riem.*

Rafael: Agora, também, é legal, tipo, falar “ler”; mas, normalmente, se o cara quer trabalhar numa pesquisa, tipo, mais teórica, ele vai ler livro técnico. Né, ele não vai ler livro. . .

China: “O Senhor dos Anéis”!

⇒ *Todos riem.*

China: Ah, vou fazer uma pesquisa em algoritmos. Vou ler. Me dá o “Harry Potter” aí!

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Harry?

⇒ *Todos continuam rindo.*

Harry: Não adiantou nada ter lido “O Senhor dos Anéis” inteiro?

⇒ *Rafael ainda ri.*

China: Não, é por isso que você ainda tá fazendo Grafos.

⇒ *Todos riem.*

China: Já que o professor de Grafos tá aqui do lado, quer falar alguma coisa sobre sua nota?

⇒ *Todos riem. Depois, Rafael volta ao papo cabeça.*

Rafael: Não, mas uma coisa legal, tipo, que nem o Zeh tinha comentado enquanto a gente tava esperando o China exportar, que era, tipo, se o cara quer ser programador, não deve fazer Ciências da Computação. Eu acho isso daí totalmente errado.

China: Eu também discordo aqui.

Zeh: O maior exemplo disso daí é o Google. O Google, ele foi criado numa universidade, tipo, por alunos, e, mesmo hoje em dia, você pensa, tipo, uma aplicação Web. O cara faz curso técnico lá. É ler do banco de dados, escrever no banco de dados e pronto! Acabou! O Google não. É, tipo, o algoritmo do PageRank, que é pra ordenar as buscas deles, é estatística pura.

Zeh: É cadeias de Markov, né? Eu dei uma estudada naquilo. Mas, assim, eu não falei que um programador, ele não deva procurar um curso de Computação. Ele apenas tem que estar consciente do que ele tá fazendo. O que acontece é que muitos programadores, pessoas que querem seguir carreira trabalhando como peão de programação em empresas, procuram o nosso curso aqui achando: “Ah, não! Eu quero fazer Ciência da Computação porque é o melhor que tem disponível na área da Informática. . .”

China: Nossa!

⇒ *Todos riem, e ouve-se o barulho de alguém levando um soco, colocado pelo editor, obviamente — assim esperamos.*

China: Nossa! Essa doeu!

Zeh: É! “. . . então, então eu vou fazer o curso de Ciência da Computação e ter um ponto maior no meu currículo.”. Aí, o cara chega aqui e vê Matemática Discreta, vê Teoria dos Grafos. O cara fica muito frustrado, não vê as linguagens de programação da moda, não vê nada daquilo com o qual ele quer trabalhar no futuro e aí fica aí enrolando aí, causando problema pra gente, reprovando em disciplina, é, trancando o curso pra outras pessoas, tal, e a gente tem sérios problemas aqui na universidade com esse tipo de gente. Então, assim, o cara pode, claro, procurar um curso de Ciência da Computação se ele quer ser um programador. Eu conheço bons programadores cientistas mesmos, mesmo, que fazem pesquisa pra programar e pra. . . na busca de algoritmos melhores, tal. Mas, o cara tem que estar consciente do que tá fazendo. Eu acho que essa é a questão, assim.

China: O nosso caso aqui. Eu e o Rafael, a gente sabe que a gente quer seguir a carreira mesmo na programação, mas também não é pra ser peão de programação, é. . . *code monkey*, né?

Rafael: É, *code monkey*, ficar fazendo *cruddy* o resto da vida.

China: Não! “Tá aqui! Você tem que implementar esse negócio! E é só isso! E faça!”. Um *software* substituiria ele. A gente quer fazer coisas decentes, né? Não é pra virar, sei lá, não é pra ficar fazendo sisteminha Web o resto da vida. Não é pra isso que a gente tá estudando também.

Rafael: Não, até fazer sisteminha Web não é o problema. O pessoal tem preconceito com Web. Mas, fazer sistema que nem o Google Web. Coisinha só. . . assim. . .

⇒ *China se atravessa.*

China: Google não. Google não faz sisteminha Web. Google cria a Web. É diferente!

⇒ *Todos riem.*

Rafael: Sim! Sim!

Zeh: Não, mas nenhum preconceito contra quem é peão de programação. Eu acho que eu usei um termo meio pejorativo, assim. Se o cara quer. . .

China: Imagina!

⇒ *Rafael ri, acompanhado.*

Zeh: Não, se o cara quer ser programador, ele que seja. Não tem problema. É a vida do cara. Ele escolhe o que ele quiser. Apenas, pô, não vai atrapalhar a vida dos outros, atrapalhar a universidade, né? O cara que, então, procure um curso mais técnico, mais específico pra aquilo que ele quer.

Rafael: Não, um exemplo disso. . . Não sei se a gente pode citar ou não, se vai ficar bravo. A gente já falou muito mal dessa pessoa. . . É o Maurício Nero, do Plus10. . .

China: É. . .

Rafael: que ele, ele entrou no curso de Ciências da Computação aqui da Federal, viu que não era o que ele queria, e ele fui prum curso técnico de Informática.

China: É. . .

Prof. André: Mas é isso é bom. Uma escolha acertada!

Zeh: É! Eu também acho. Eu acho que é o que o cara tem que fazer mesmo. Ah. . . Sabe, não tem que ficar: “Ah, não, mas o curso de Ciência da Computação dá um ponto maior no currículo”. Eu Acho que nem dá. Uma empresa, ela, ela sabe o currículo de um curso e de outro e ela até acho que vai preferir um cara que tem um currículo mais técnico, se é aquilo que a empresa tá precisando.

China: O importante é você ver qual é a sua necessidade. Até por isso que eu achei legal a gente fazer agora um *podcast* sobre carreira acadêmica: pra gente mostrar o que são mais esses cursos teóricos, o que que é um pouquinho mais acadêmico. Se você falar que o negócio é teórico, não quer dizer que ele nunca vai ter uma utilidade também, né?

Prof. André: Não. De jeito nenhum. A Teoria tem muita aplicação e algumas bastante imediatas, né? Você pode ver que algumas técnicas de programação, né, saem diretamente de. . . de resolver problemas teóricos. Isso. . . O exemplo que vocês deram do Google é clássico, né? É óbvio que lá tem algumas estruturas de dados, que tão lá por trás, que tem pesquisa pura, inclusive recente, que eles não contam pra ninguém, inclusive, né?

⇒ *Alguns dizem: “É!”*

Prof. André: Quer dizer, pouca gente conhece, e boa parte das coisas que tem lá nasceu em coisas lá da UFMG, por exemplo, né, daqui do Brasil. Então, tem. . . tem coisa de Ciência, tem pesquisa, tem coisa importante, né, em programação, que resolve problema que a gente usa todo dia, não é? Que a gente tá usando todo dia. As coisas associadas com o que o Zeh gosta de trabalhar, que tem a ver com Criptografia: a Criptografia tá na nossa vida o tempo todo. Os detalhes da Criptografia tão relacionados com provas científicas recentes também, provas teóricas.

Zeh: Teoria de Números. É. Teoria de Números e coisa que a gente descobriu a pouquíssimo tempo.

Prof. André: Coisa daquela que você não pode contar pra sua avó, né?

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Mas, você não conta pra vó, mas, tá, mas as pessoas usam todo dia. Não é a lâmpada, mas dá-se um jeito.

China: Olha a Internet, né? A Internet é um grafozão. Pra você pegar e fazer roteamento lá, o que se usa agora é Dijkstra e Bellman-Ford.

Zeh: Não. E tanto é um grafozão, que o próprio algoritmo do Google pra fazer *page rank* usa as distribuições das cadeias de Markov. . .

⇒ *China ri, talvez acompanhado, dependendo do ponto de vista, ou melhor, de audição.*

China: Pra você ver! A Teoria encontrando aí a parte da prática, né, cara?

Prof. André: Eu acho que no quesito “programação”, você não pode. . . eu acho que tem realmente uma separação um pouquinho. Tem alguns programadores, né, que precisam muita teoria pra conseguir resolver os problemas que eles têm pela frente pra resolver. Então, não é, não é tão simples, né? O nosso exemplo da nossa Maratona de Programação, que vira o ICPC mundial, né? E os problemas que aparecem lá pro pessoal programar e coisa e tal não são problemas nada fáceis. São coisas bastante complicadas, com. . . a Teoria que está por trás daqueles problemas é muito forte, muito difícil, em alguns casos, não é? E é uma competição que, por exemplo, o Google fica de olho, né?

China: É!

Prof. André: Se os caras que vão bem nessa programação, o Google e a IBM vão lá e ficam lá paparicando os caras. . .

China: E vão tentar laçar um lá dentro, né?

Prof. André: É! É o que eles tentam fazer sempre! Então, por quê? Porque esses caras são programadores, mas são programadores com uma base teórica forte, e aí eles podem resolver problemas mais interessantes do que simplesmente ficar remendando programa dos outros, né, que é como tá a programação comercial atualmente. É basicamente programa remendado, né? Isso é uma porcaria.

⇒ *Alguns riem.*

China: O Zeh. . . O Zeh usou aqui uma, uma analogia que eu achei muito legal, que foi da corrida espacial, né?

Zeh: É. . . eu tava falando que. . . olha o tanto de tecnologia que a gente conseguiu desenvolver por causa da corrida espacial. Então, talvez: “Ah, mas que utilidade que tem pra humanidade o homem ir à Lua?”. Talvez, assim. . .

⇒ *Alguns riem ou murmuram.*

Prof. André: Agora nada, mas. . .

⇒ *Alguns mais riem e outros ainda falam “É. . .”*

China: Nunca teve nenhuma utilidade chegar à Lua, mas, ah... no caminho pra lá a gente encontrou muita coisa.

Harry: Não, até que teve, porque você tem acesso... você pode pegar material de lá e estudar, assim... você tem acesso a algumas informações a mais. Se bem que...

China: Podia mandar um robô pra lá, simplesmente.

Harry: Sim, sim. Esse é o ponto. Mandar o homem pra Lua, arriscar uma pessoa pra ir até lá foi uma coisa que foi feita mais por motivos... é... políticos, assim, da Guerra Fria. Porque, isso foi uma coisa bem estúpida, assim, pra... é... sendo que dava pra mandar robôs, assim, pra pegar material. Tanto que, hoje em dia, não se mandam mais pessoas assim pro espaço, enquanto não tenha... Não... Manda pro espaço, mas não manda pra Lua, pra Marte. Mandam robôs pra Marte, pra pegar material. Mas, ah... é... ir até lá mesmo tem também a sua utilidade.

Zeh: *O.k!* *O.k!* Deixando um pouco de lado as teorias conspiratórias sobre a ida do homem à Lua ou não...

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Na verdade, foi só um exemplo, assim, pra ilustrar aqui como a corrida espacial trouxe grandes avanços tecnológicos pra humanidade, avanços que ninguém tava procurando, mas que, no caminho das pedras, a gente acabou encontrando alguns ouros, né?

China: Se você usa um tênis hoje, agradeça a corrida espacial, né, cara! Que, foi nessa época que foi inventado, graças à tecnologia da corrida espacial.

Zeh: Sim, câmera digital, e tantas outras coisas. É igual eu tava falando, eu usei hoje o exemplo da... do que mesmo que eu usei o exemplo hoje?

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Me fugiu o que eu falei da aplicação lá... ah...

China: Não tenho a menor ideia!

Zeh: Ah, *o.k.*, dos primos de Mersenne. Eu tava falando.

China: De volta aos primos... Mersenne tem uma família gigantesca. É cheio de tio e tem um monte de primo, né?

⇒ *Todos estavam rindo enquanto China falava.*

Zeh: Cara, essa piadinha foi muito “Chico Bento”.

⇒ *Alguns — ou será todos? — riem da piada ainda mais infame do Zeh.*

Zeh: Mas, enfim...

China: O *podcast* é meu. Eu falo se eu quiser, tá?

⇒ *Todos — ou será alguns? — riem. Pelo menos o transcritor riu. No momento da transcrição, naturalmente. O transcritor não estava na ocasião da gravação. Pelo menos, não como transcritor. Se estava como outra personagem, Hércules que responda.*

Zeh: Então, era... Teoricamente era uma pesquisa apenas teórica colecionar primos de Mersenne, como colecionamos figurinhas e tantas outras coisas. Mas, no caminho das pedras, encontramos alguns ouros que acabaram sendo muito úteis pra humanidade toda.

⇒ *O transcritor acredita que o Zeh deva ser fã de Carlos Drummond de Andrade, não pelos ouros, mas pelas pedras do caminho. O que realmente importante, entretanto, é que genipapo no balaio pesa.*

Parte 4

Zeh: Iniciando um pouco agora esse bloco novo, eu queria levar o pessoal a uma reflexão até um pouco crítica sobre como que é heroico ser pesquisador no Brasil. Primeiro, vamos... vamos pensar assim em relação a como que pesquisadores no Brasil são premiados e são valorizados. Infelizmente, aqui no Brasil se premia muito pesquisadores pela quantidade daquilo que eles pesquisam, não muito pela qualidade. Isso é um pouco complicado, porque, como eu falei, pesquisa mais teórica, assim, de cunho mais teórico, elas acabam sendo muito lentas, né? E o cara, às vezes, precisa de 2...3 anos pra publicar um artigo, que não vai poder mostrar pra vó.

⇒ *Todos riem. Claro.*

Zeh: E em compensação, um outro cara lá numa área muito mais prática, ele consegue publicar 20 artigos em 6 meses. Tá, eu exagerei um pouquinho. Mas, enfim...

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Bastante!

⇒ *Zeh une sua risada à dos outros.*

Zeh: É...

Prof. André: Bastante!

Zeh: E... e, infelizmente, as bolsas aqui de produtividade em pesquisa, elas são de cunho muito mais quantitativo do que qualitativo, e os pesquisadores de áreas mais teóricas acabam sendo um pouco rejeitados e não premiados, não valorizados, pelo menos, pela... pelos caras que pagam a comida deles.

China: Mas esses caras "The Flash", eles acabam sendo premiados no final. Eles têm o prêmio Ignóbil também, né?

⇒ *Alguns — ou será todos? — riem.*

China: Pra competir meio que com o prêmio Nobel, tem o prêmio Ignóbil, que premia as pesquisas mais idiotas que já foram feitas, assim.

Harry: Ah! Bom, nem todas são completamente idiotas. Tem... ah... o... é... eu não vou saber citar alguns exemplos agora, mas... é... é... tem algumas coisas assim que levam o prêmio, mas por serem coisas curiosas, bizarras, assim. Mas, não que... é... às vezes não tenha alguma... alguma utilidade alguns casos de prêmio Ignóbeis.

China: Tem o do ano passado, quem ganhou, foi um cara que fez uma pesquisa mostrando quanto os tatus podem ou não estragar um sítio arqueológico.

⇒ *Todos riem.*

Rafael: Nossa!

China: O cara recebeu o financiamento pra isso. Eu não sei como. E foi feita a pesquisa, saiu lá, e o cara recebeu o prêmio Ignóbil no final.

Zeh: É! Aí você pensa um pouco no jeitinho brasileiro. Nós temos mania de dar jeitinho pra tudo, né? E aí você pensa no cara que teria conteúdo suficiente pra publicar 1 artigo, mas ele dá um jeitinho: ele picota a pesquisa dele. . .

⇒ *Alguns dão algumas risadinhas discretas.*

Zeh: . . . e publica um monte de artigos, assim, meio que a prestação, e ainda referencia ele mesmo, porque o sistema Lattes valoriza artigos que são muito referenciados, né? O cara se referencia várias vezes, publica um monte de artigo, vai. . . o que poderia tranquilamente ser publicado num artigo só, e, aí, o cara consegue uma bolsa de produtividade, porque ele, porque ele é premiado pela quantidade do que ele produz, né? Então, é meio complicado, assim, talvez, a gente precisa dar uma reflexão um pouco melhor no sistema universitário, no sistema de premiação, pra valorizar um pouco os pesquisadores sérios, que trabalham pela Ciência no Brasil e que não. . . e que não acabam sendo tão reconhecidos assim.

China: Viu que a gente começou atraindo os cordeirinhos, né? “Venha! Salário de 8 a 10 mil reais. . .”

⇒ *Todos riem.*

China: . . . coisas legais, né? Agora tem que ver esse negócio de produtividade, aí, as pesquisas. . .

Prof. André: Não! 8 a 10 são os “final de carreira”, né?

⇒ *Alguns riem.*

Prof. André: O meu é menor que esse!

⇒ *Alguns riem.*

Prof. André: Bom, mas eu, continuando esse papo que o Zeh começou, eu acho que tem umas histórias um pouco mais complicadas. Eu costumo falar que a gente, os pesquisadores, a gente trabalha pra arrumar trabalho, né?

⇒ *Alguns riem.*

Prof. André: Porque a gente costuma trabalhar bastante pra fazer um projeto, pra mandar pra alguma agência financiadora, pra agência financiadora mandar dinheiro pra gente, pra gente poder usar esse dinheiro pra trabalhar mais. Porque o dinheiro não é pra gente, não é pra botar no bolso, né? Esse dinheiro é pra comprar equipamento pra universidade, pra comprar livro, pra pagar bolsa de aluno. . . Os projetos são pra isso. Então, a gente trabalha, trabalha, trabalha, pra arrumar trabalho. Não é? Boa parte dos pesquisadores, se ficassem quietos num canto, ninguém ia incomodar eles, eles não iam incomodar ninguém, não iam fazer nada também, mas tudo bem também. . .

China: Mas aí também eles. . . não justificava a bolsa, né? Se o cara ficasse quieto.

Prof. André: Sim, mas esses... é... alguns desses pesquisadores não têm bolsa. Eu não tenho bolsa de pesquisa. Poucos pesquisadores do Brasil que têm bolsa de pesquisa. Não é todo mundo. Eu nunca nem pedi a bolsa de pesquisa, não é? Então, não sei nem se eu ganharia. Eu nunca pedi.

China: Quem dá a bolsa de pesquisa aqui no Brasil é CNPQ, é isso?

Prof. André: Isso! CNPQ. Mas, assim, tirando a bolsa de pesquisa da história, que eu acho que não é tão relevante assim. São poucos e não é tanto dinheiro assim envolvido. Eu acho que a coisa que é mais interessante é... são os projetos, que aí tem FINEP, CAPEs, CNPQ, e projetos que são financiados também por empresas particulares em convênios com as universidades. Você pode, nesses projetos... São projetos de, normalmente, ou de desenvolvimento de pesquisa, alguns que são associados — normalmente os que são associados com empresas têm mais a ver com desenvolvimento, com a empresa receber alguma tecnologia depois do final... ao final do projeto — ou projetos que são mais de pesquisa pura, que é a fundo perdido, ou seja, simplesmente pra que a pesquisa comece... continue andando. Nesses projetos, as avaliações — se o cara vai ter o projeto ou se não vai ter o projeto, quem é que vai ganhar o dinheiro pra fazer tal coisa — é como o Zeh disse: muito mais quantitativa do que qualitativa. Evidentemente que fazer uma avaliação qualitativa da pesquisa do Brasil é uma coisa muito difícil. Como é que você vai avaliar se o projeto lá do tatu ou se o projeto, sei lá, de testar resistência de fios, qual que é o mais importante? Depende de quem vai avaliar. Ou seja, você não consegue... é difícil medir isso.

China: Mas não tem avaliação pelos pares, igual ele disse?

⇒ *Ímpares! Ganhei!*

Prof. André: Sim, sim. A avaliação normalmente... a qualitativa é feita pelos pares. Mas, imagina, se... como é que eu vou misturar projetos que são de áreas distintas? Como é que eu vou dar mais importância? Eu vou dar mais dinheiro pra Medicina, ou eu vou dar mais dinheiro pra Informática? Ou vou dar mais dinheiro pra Arquitetura, ou para, sei lá, Letras? Qual que vai ganhar mais dinheiro? Qual que é mais importante? Qual que é o projeto mais importante? Vasculhar uma biblioteca procurando textos perdidos de um escritor português do século XV ou descobrir uma nova tecnologia de armazenar informação num disco de tamanho tal, né? Qual que é o mais importante pra sociedade? Não sei! Ninguém sabe essa resposta. Não dá pra medir. Então, quando você transforma a coisa no quantitativo, né, fica muito mais fácil de você dizer qual que tem mais. Então, a diferença de estar no quantitativo e não no qualitativo é pela facilidade de poder ser feita essa avaliação.

China: Então, não tem como você acabar com essa mamata, assim, do cara que faz um monte de artigo, e artigo picadinho... como é que faz isso?

Prof. André: Pois é, isso é difícil, né? Mas, de novo, aí entram os pares na brincadeira. Assim, né, a gente fica se autofiscalizando. Tipo, CONAR assim, né? A gente... os próprios pesquisadores ficam um xeretando a vida, um vendo o outro, conversando com o outro, e botando o dedo na cara se o cara... chamando o cara de picareta.

⇒ *Alguns riem.*

Zeh: O problema é quando isso vira um vício da área, né? Daí, não tem muito como remediar, porque todo mundo ali meio que adota a prática. É uma coisa meio que intrínseca à cultura, daí complica um pouco.

Prof. André: Eu acho que tem diferenças sérias de áreas assim. Por exemplo, é... publicações em Medicina, por exemplo, são importantes e devem ser muito mais frequentes. O cara faz testes e vê se o resultado deu certo ou não. Publicações em Física são muito mais frequentes que publicações em Teoria da Computação. Então, qual é o motivo de ser muito mais frequente? O motivo de ser mais frequente é porque eles fazem coisas experimentais. Então, normalmente, as áreas experimentais são muito mais... publicam muito mais que as áreas teóricas, de maneira geral. Então, é uma briga de... uma briga feia, né? Mas, é... eu acho que isso aí se regula tranquilamente. Não tem muito problema com isso, não. Eu acho que o nosso... Eu acho até razoável que as áreas mais experimentais tenham mais dinheiro. Eles precisam de mais dinheiro do que as áreas teóricas, né? Área teórica precisa do quê? De que dinheiro que a gente precisa, Zeh, pra fazer pesquisa?

Zeh: A gente precisa de uma sala, e um quadro branco, e uma mesa.

Prof. André: E mais nada, né? Acesso à Internet pra conversar com os caras, e pronto! Não precisa de muita coisa. De vez em quando, uma passagem, um dinheiro pra comprar um livro. Mas, o pessoal da Física precisa comprar os aceleradores loucos, os, sei lá, como é que o... o espectrógrafo, sei lá, essas coisas que esse pessoal da Física e Química precisa.

China: É, de vez em quando a gente precisa de um material ou outro também: uma placa de vídeo, por exemplo.

⇒ *Placa de vídeo para testar softwares interativos em tempo real?*

Prof. André: Então, compara o preço de uma placa de vídeo com um microscópio eletrônico.

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Não é?

China: É! Verdade!

⇒ *Todos continuam rindo. Ou será só o Rafael?*

Prof. André: Então, nesse sentido, eu acho até razoável, né, que algumas áreas recebam mais dinheiro que as áreas teóricas, as áreas experimentais. Mas, é, eu não posso, se, por conta desse mesmo... dessa separação, dessa necessidade financeira etc. voltar e dizer que as áreas experimentais são melhores que as áreas teóricas. O que acontece é que essa avaliação, embora seja razoável, seja interessante, seja justa, num certo sentido, ela volta ao contrário e aí a gente... a área de Computação lá no CNPQ e na CAPES sofre pra conseguir convencer que algumas coisas são boas ou não porque tão brigando com os caras que têm muito mais publicação e se acham muito mais importantes. Então, isso é difícil. Isso é difícil. Então, não é o problema de eles terem, receberem mais dinheiro. Eu acho até que eles merecem receber mais dinheiro. O problema é que isso não transforme a gente em área de pesquisa de segunda classe. Eu acho que isso é que não pode acontecer.

China: Aproveitando, já começaram a falar um pouquinho, mas eu vou pedir pra vocês falarem mais um pouco sobre como é que é a comunidade científica no

Brasil. Vocês já falaram um pouquinho sobre os pares, e tudo, mas, existe assim aquela colaboração entre as pessoas, ou é puro jogo de egos. Como é que... como é que é nessa área?

Prof. André: Tem de tudo, né? Tem de tudo. Tem as estrelas, que os caras se acham melhor que todo mundo. Em todas as áreas. Não tem nenhuma separação específica de áreas. Mas, é... a área científica, quero dizer, a comunidade científica de um modo geral é muito feita de amigos. As pessoas são os que são amigos e os que não são amigos. Então, as pessoas, os que são amigos, trabalham junto, mesmo que estejam, agora com a Internet facilitando a vida da gente, a gente nem precisa viajar muito mais, né? Escreve artigo junto, faz pesquisa junto, conversa com amigos espalhados pelo Brasil. Então, a gente faz muitos amigos na área, na comunidade científica. A gente vai pra congressos, conhece pessoas e fica amigos dessas pessoas.

China: Tem muito congresso aqui no Brasil?

Prof. André: Tem bastante. Não, não muitos, mas tem o suficiente. Mas, não precisa ser só no Brasil. Tenho amigos na Argentina, no Chile. Tem amigos que você faz um amigo num Congresso, conhece, escreve um artigo junto, daqui a pouco troca uma ideia, resolve algum problema, e passa a ser amigos. Daí, se eles são amigos, não tem esse negócio de estrela. E, tem aqueles caras que são estrelas e vão ser estrelas pra sempre, que se acham estrelas, pelo menos. Mas, normalmente, eles também têm o seu grupo de amigos. Entendeu? Então, é uma classe de equivalência, não é?

⇒ *Alguns riem, especialmente Zeh e este transcritor.*

China: Isso tem até nos *podcasts*, né?

Prof. André: Então, pois é! É isso mesmo! É a mesma coisa! Ou seja, às vezes tá vinculado com pessoas que fizeram, estudaram juntas, e estão separadas porque foram cada um pro canto. Eu tenho amigos que, durante o meu doutorado, que cada um tá num canto do Brasil, a gente continua amigos, continua conversando. E, aí, eles fazem outros amigos, a gente... a rede aumenta! Então, não é muito complicado isso não. Eu acho que é bastante... é bastante fraternal, digamos assim, o ambiente da comunidade científica. Evidentemente que tem brigas, mas, como todo ambiente que tem pessoas que querem fazer a mesma coisa. A gente... se você for pensar bem, a comunidade científica vive uma espécie de anarquia, né? É uma espécie, porque a gente não tem chefe. Tá. A gente tem os órgãos de financiamento, que, mais ou menos, controlam o que a gente tá fazendo, de um certo jeito. A gente tem as sociedades: a Sociedade Brasileira de Computação, a Sociedade Brasileira de Física, Química etc. São as sociedades que congregam as pessoas. Mas, tudo mundo age como se fosse um chefe. É uma espécie de uma democracia, mas mais pra anarquia, porque o chefe pode pouco. Então, nesse sentido, evidentemente que tem brigas, né? A coisa anda meio que sozinha. Mas é muito interessante. É muito agradável você conhecer pessoas novas. Você saber o que elas estão fazendo. É um dos lados bons de ser pesquisador é que você conhece gente, você conversa com pessoas de todo o canto do Brasil. Eu tenho amigos no Brasil todo quase. Então, isso é bom, né? Então, e os caras que normalmente fazem... brigam, né? É você... esquece! Deixa passar! Não tem problema isso!

China: Zeh, você que tá entrando nesse barco agora, qual que é a sua visão dessa comunidade?

Zeh: Olha, no laboratório onde eu trabalho tem mais 2 pessoas só. Então, assim, é... eu sou bem iniciante ainda, não tive tempo de fazer muitos amigos no ambiente acadêmico. Claro que, quando eu fiz graduação, eu participei do programa PET. Então, no programa PET eu fiz amigos em todo o Brasil, porque a gente ia em congressos nacionais e regionais do movimento PET, que, nem é um programa, é um movimento, né?

China: É o movimento PET!

Zeh: É! Então, assim, era bem bacana. Eu pude fazer bastantes amizades, pessoas com as quais eu tenho contato até hoje. Mas, assim, era mais por conta do programa PET mesmo. Eu ainda não tive muita a oportunidade de fazer amigos na minha área de pesquisa. Até porque eu tô, como o Prof. André, a carreira acadêmica começa na pós-graduação. E eu tô no 1º... 2º semestre da pós-graduação. Então, tudo ainda é muito recente, muito novo pra mim.

China: Só pra deixar mais claro pro pessoal. Traduza aí a sigla PET. Vocês cuidam de animais, né?

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Ah, então...

China: Banho e tosa...

Zeh: É... PET é o Programa de Educação Tutorial. É um programa que foi criado pelo Governo Federal há muitos anos, numa outra era. E, assim, é um programa bastante legal, você...

China: ... pra formar pequenos "Hitlers".

⇒ *Todos riem.*

Zeh: É... pesquisadores.

⇒ *Todos riem.*

China: Pequenos pesquisadores, né, já na graduação.

Zeh: Então, a ideia é que você permita a um cara de curso de graduação experimentar um pouco a universidade em seus 3 pilares, em seus 3 aspectos: no ensino, na pesquisa e na extensão. Então, o cara vai ter experiência de ensino, pesquisa e extensão indissociavelmente já no seu curso de graduação, o que é muito legal. Porque, geralmente, programas pra alunos de graduação costumam ser mais de pesquisa, né, ou mais de extensão, ou mais de ensino. Você não consegue ter as 3 coisas agregadas. E, pra uma formação acadêmica bem completa, o PET, na minha opinião, é a melhor opção, especialmente porque ele, né... Existe o programa, que foi criado pelo Governo, e existe o movimento PET, que é composto pelas pessoas que integram o programa, que defendem o programa. Então, é uma coisa bem bacana, assim. O movimento PET, ele surgiu quando o programa ia ser extinto e as pessoas se uniram e lutaram pra que o programa continuasse. E, a organização do movimento PET é realmente muito interessante, assim, muito legal. Os congressos, SulPET, ENAPET, tal. Então, se você aí é aluno de graduação de algum curso do Brasil, procure saber se o seu curso possui um programa PET e entre. Vale a pena!

China: É! Todos nós aqui já fizemos parte do PET de Computação, né? A gente viu bem como é que é a interação entre todos os outros PETs. Volta e meia a gente recebia um pedido: “Ei, vai ter um evento aqui. Vocês podem fazer a nossa página aqui?”

⇒ *Todos riem.*

Harry: Ah! Eu não aguentava mais ficar mexendo nos sitezinhos. Ou, então, a gente... ah... por causa do trabalho que a gente tinha de ter que fazer site, a gente fez um Wiki. Mas não mudou muito. Depois de cada reunião, telefonavam ou mandavam um e-mail: “Ei, vocês podem colocar a ata da reunião que a gente fez no Wiki?”. Ei, mas a ideia do Wiki é que todo mundo mexa. Mas, não. Era a gente que tinha que colocar.

Zeh: Claro, essas são coisas que são naturais de pessoas de áreas distintas, mas é muito legal o PET justamente por causa disso: porque você pode contar não apenas com pessoas da tua área, mas era muito bacana conhecer pessoal do PET de Biologia, de Farmácia, e de outros cantos do Brasil.

Prof. André: Farmácia... .

China: Hmmmm... .

⇒ *Todos riem.*

China: Ah! Tô entendendo!

Rafael: Não, é... . uma coisa que eu acho assim, que eu acho... . Eu também fui do PET, como todos do VidaNerd, e, uma coisa assim que eu achei muito legal foi que lá que eu tive realmente a certeza de que a carreira acadêmica não era pra mim.

⇒ *Todos gargalham.*

Parte 5

China: Pra dar uma animada no *podcast*, a gente resolveu falar mal de alguém. Daí o Zeh escolheu a ANBT pra gente falar mal. Ele que vai começar.

Zeh: Então, é... . Bons eram os tempos em que os bibliotecários se preocupavam em ajudar os cientistas. Hoje em dia, temos normas pra tudo. Tudo o que pode ser encontrado numa biblioteca pode requerir numa norma.

⇒ *Requerir?*

Zeh: Incluindo... . não... . eu acho que talvez isso não... . mas a samambaia que tá na mesa do bibliotecário e o próprio bibliotecário, né?

⇒ *Alguns riem.*

Zeh: Então, assim, é... . é realmente complicado quando você tem padrões internacionais, até muito bonitos, que são usados no mundo inteiro — É claro! São internacionais! — mas e no Brasil você tem a maldita da ABNT, com aquelas fontes horrorosas, com aquelas normas horrorosas, que destoam totalmente dos padrões internacionais, e você tem que seguir. E, pior, você tem que pagar pra conseguir essas normas. E, as atualizações são feitas de tempo em tempo, evitando que você possa pegar na Internet, porque, se o

cara tiver o trabalho de digitar, porque os documentos... as normas são protegidas contra fotocópia, né? Então, o cara vai lá, digita, aí você vai pegar na Internet, daí eles já lançaram uma atualização nova, e você não pode pegar aquilo porque tá desatualizado. Então, é realmente uma complicação, né?

China: Que essa é minha principal reclamação contra a ABNT. Eles chegam e:

— Ó! Tá aqui! Tá feito as normas. Você vai ter que seguir. Você vai ter que fazer exatamente assim pra ser aceito.

— Ah, beleza! Dá aqui! Deixa eu ler!

— Não! Não, não pode ler! Não é aberto. Você vai ter que pagar se quiser ler.

— Mas, você quer que eu siga a sua regra e você não me entrega ela pra ler? Por quê? Por que que eu não uso ISO então, que tá aí aberto?

⇒ *China continua seu argumento.*

China: É irracional pra mim. Não faz sentido. E, eu não entendo por que que tá, por que que foi adotado. Eu acho que tinha que ter uma revolução.

Zeh: Eu não entendo por quê? Ganhar dinheiro, cara! É óbvio!

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Mas, aí, fica o meu apelo, então, pras universidades, especialmente universidades públicas, do Brasil, que abandonem a ABNT e sigam os padrões internacionais, da ISO, que são abertos e que todo mundo pode usar, e que são muito mais interessantes, muito mais bonitos até, e que podem ter muito mais relevância pra comunidade internacional, né? De uma maneira mais geral.

Prof. André: É! Deixa eu só fazer uma observação. Eu não sei as normas da ABNT.

⇒ *Todos gargalham.*

Prof. André: Eu não uso as normas da ABNT. Que a ABNT, se estiver escutando, a Sr^a ABNT...

⇒ *Todos riem.*

Prof. André: Eu não uso. E nunca ninguém pediu pra eu usar.

Zeh: Eu também não uso.

China: Uma salva de palmas pro Prof. André.

⇒ *Todos aplaudem e crianças ovacionam.*

Prof. André: Assim, eu nunca tive problema com a ABNT. Entendeu? Nunca ninguém pediu pra usar as normas da ABNT. Em lugar nenhum. Tinha uns padrinhos de fazer a dissertação, a tese, que você tem que seguir. Mas, fonte... Eu usei o que eu queria. E, não quero nem saber.

China: A gente teve uma professora. A gente pode falar dela...

Rafael: A gente não vai citar nomes.

China: É! Em “Orientação Bibliográfica”, tivemos uma professora que ela não sabia o que era o nosso curso, não sabia o que que a gente estudava, não tinha a menor ideia do que ela tava fazendo lá na frente dando aula. E pediu um trabalho em normas de ABNT. E ela falou. . . e ela perguntou ainda:

— Em que formato vocês entregam os trabalhos?

— Não. A gente não entrega os trabalhos.

— Como assim? Vocês vêm aqui na frente apresentar trabalho? Vocês não entregam nada escrito?

— Não, veja bem. Nosso curso não tá operando muito nesse sentido. A maior parte das vezes é um programa que a gente tem que entregar, não sei o que lá.

E ela não se convenciu disso de jeito nenhum.

Prof. André: Tem trabalhos escritos também, né?

China: Pouquíssimos. Até hoje que eu fiz foi 1 trabalho escrito.

Prof. André: Pelo menos o TG, né?

⇒ *Todos riem.*

China: O TG é! E, teoricamente, “Orientação Bibliográfica” devia que ensinar a gente a escrever o TG.

Prof. André: O certo era.

China: É. Em Administração a gente teve um trabalho pra entregar, mas foi o único.

⇒ *Provavelmente este último comentário do China se referia a algum comentário que foi feito fora do microfone.*

Zeh: Aliás, é até meio complicado, porque, aqui na Federal, eles têm essa matéria de “Orientação Bibliográfica” pra ensinar o aluno a escrever o TG, que não vai pra biblioteca, porque a biblioteca não quer mais saber de pegar TG, porque tem muito TG lá. Então, eles ensinam você as normas que a biblioteca quer que você siga, só que a biblioteca não quer pegar o que você vai escrever. Então, é meio ilógico. Totalmente irracional, assim. Ah. . . Fica aí o apelo pros ouvintes que deem uma pesquisadinha num sistema tipográfico extremamente bom chamado L^AT_EX. . .

Prof. André: Ô!

Zeh: . . . e verifiquem também o pacote chamado cbnT_EX, que. . .

China: que você nunca mais vai ter que decorar regra nenhuma. . .

Zeh: . . . que já implementa as normas da ABNT, com muitas críticas pra. . . em relação à norma. . .

Prof. André: Não atualizadas, evidentemente.

Zeh: É! Não tão atualizadas, infelizmente, porque as atualizações da ABNT é. . . são impossíveis de serem seguidas. Mas, o pacote, assim, se esforça, e o manual é muito divertido. Você ri pra caramba quando lê as críticas que eles fazem em relação à norma. . . às normas da ABNT. São muito legais. Vale a pena dar uma pesquisadinha.

China: Quando. . . Agora que eu já fiz a matéria de “Orientação Bibliográfica”, eu sei escrever um TG. . . pra uma matéria de Humanas, de Biológicas, talvez; mas, pra Exatas eu não tenho a menor ideia como é que se faz.

⇒ *Alguns riem.*

Rafael: Não. Realmente, essa matéria tem, ela tem um grande problema que é não ser alguém da área a dar. Então, tipo, eles pegam alguém de Humanas pra dar aula pra gente e aí fica totalmente fora. Mas, a ABNT, ela tem uma vantagem e uma desvantagem. A mesma coisa. . .

China: Eu não vi vantagem! Fala aí!

Rafael: Não. A mesma coisa é uma vantagem e desvantagem.

China: E o que é?

Rafael: Tipo, a desvantagem é que ela não é ecologicamente correta.

China: Ah, sim. Diga aí!

Rafael: E a vantagem é que você pode usar ela se o seu texto estiver muito curto, você. . .

⇒ *Todos riem.*

China: Você pega lá e escreve um trabalho. Deu o quê? Um 5 páginas. Coloca em ABNT: 32 páginas.

⇒ *Todos riem.*

Rafael: Tipo, vai gastar muito mais folha. Não é ecologicamente correto. Mas, é bem mais prático.

⇒ *Todos riem.*

Rafael: Não, brincadeira.

China: Foi que eu. . . Eu tava fazendo um trabalho pra outra pessoa, ajudando outra pessoa a fazer um trabalho, nem é dessa universidade, e essa pessoa olhou pra mim. . .

Zeh: Que feio, hem?

China: Não é feio, não. Só tô. . . só tô dando uma ajuda.

⇒ *Todos riem.*

China: Ela falou:

— Olha, tem um problema! Era pra ser 20 páginas o trabalho e eu só consegui escrever 15.

Eu:

— Não, não tem problema. A hora que eu colocar em ABNT, isso aí vai passar e muito das 20 páginas.

⇒ *Todos riem.*

Zeh: Não, mas, brincadeira aí. Foi só pra gente falar mal de alguém, né? Porque, senão, não ia ter graça, e. . . é. . . Toda novela tem que ter um quebra-pau pra ter espectadores, né?

⇒ *Todos riem. Ademais, o transcritor lamenta esse último comentário do Zeh.*

Zeh: Mas, assim, eu queria muito agradecer o pessoal do VidaNerd.com, que me convidou pra fazer esse *podcast*. Queria dar um alô aí pra comunidade surda, dizer que esse. . .

China: Dar um alô pra comunidade surda?

⇒ *Todos gargalham.*

Rafael: Eles tão ouvindo, né?

⇒ *Todos continuam gargalhando.*

Zeh: Não. Dizer, dizer que esse episódio vai ter transcrição pros surdos, especialmente porque na universidade nós temos muitos surdos já, com a criação dos cursos de Letras Português-Libras. E, eu acho que esse episódio, em especial, é de interesse pra comunidade surda. E, talvez o VidaNerd seja um pioneiro aí em *podcast* pra surdos.

China: Ê! Esse episódio é o primeiro que vai ter transcrição pra comunidade surda. Esperamos que dê algum resultado, que isso aqui seja bem aceito, né?

Rafael: Isso! No caso, quem vai tá fazendo é o Zeh mesmo, que ele vai fazer a transcrição. . .

⇒ *Alguns riem.*

China: Ê, ele mesmo. Vamos esperar que esteja bem-feito aí. E, alguém quer fazer aqui algum jabá, quer deixar algum recado?

Zeh: Ah! Eu quero divulgar o meu Twitter, né?

⇒ *Todos riem.*

Rafael: A gente coloca o *link*.

China: Ah! Só falta você falar: “Me *add* no orkut!”, né?

Zeh: Não, LZatesko. Deem uma adicionada lá.

China: Vai ter o *link* no *shownotes*. Cliquem lá. Deem uma olhada. Muito bem.

Prof. André: Eu queria agradecer o convite aqui pra participar desse *podcast*. Eu acho que foi bastante produtivo, bastante interessante. Pelo menos, a gente riu bastante. Eu acho que a ideia que fica no fundo é que quem quer seguir carreira científica já tem alguma ideia do que. . . das pedras e das coisas legais que tem pelo caminho.

China: Pra ver as coisas legais, assistam o Beakman, né, cara?

⇒ *Todos riem, e, assim, se encerra o podcast, com os cumprimentos do transcritor.*